

GAIO

BOLETIM ELETRÔNICO DAS
XII JORNADAS DA EBP - SEÇÃO SÃO PAULO

#01



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção São Paulo

SUMÁRIO

| | |
|----|---|
| 3 | EDITORIAL |
| 5 | APRESENTAÇÃO XII JORNADAS DA EBP-SP: R.I.S.o |
| 8 | ABERTURA |
| 10 | ARGUMENTO |
| 15 | EIXOS TEMÁTICOS |
| 17 | ESTÃO FAZENDO ARTE |
| 19 | CARTÉIS |
| 20 | COMISSÕES ORGANIZADORAS |
| 23 | RSRSRS |

#01 – ABRIL 2023

EDITORIAL

Maria Célia Reinaldo Kato
Membro da EBP/AMP
Coordenadora da comissão de boletim das XII Jornadas
da EBP-SP

É com entusiasmo que apresentamos o primeiro Boletim **Gaio** das XII Jornadas da EBP – Seção São Paulo!

Gaio foi um termo utilizado por Lacan em “Televisão”¹: “No polo oposto da tristeza existe o gaio issaber [gay sçavoir] o qual, este sim, é uma virtude. Uma virtude não absolve ninguém do pecado — original, como todos sabem. A virtude de que desigmo como gaio issaber é o exemplo disso, por manifestar no que ela consiste: não em compreender, fisgar [piquer] no sentido, mas em roçá-lo tão de perto quanto se possa, sem que ele sirva de cola para essa virtude, para isso gozar com o deciframento, o que implica que o gaio issaber, no final, faça dele apenas a queda, o retorno ao pecado”.



Imagem: Les plaisirs du bal, Jean-Antoine Watteau, 1719.

Ele utiliza esse termo para fazer oposição à tristeza, porém, refere que está para além do entusiasmo, do humor e do cômico. Trata-se de um saber alegre que toca o real. De que forma? Miller² nos esclarece ao colocar que “[o] gaio saber admite a extimidade do gozo....que o saber alegre não é o saber onipotente, mas aquele que faz passar da impotência ao impossível. A tristeza é a impotência [do saber], ao passo que o gaio saber é o impossível do saber”.

Essa orientação de Lacan toca a clínica psicanalítica no que diz sobre a interpretação, não compreender, mas roçar o sentido sem nele se apegar, incluindo aí a dimensão do impossível.

Neste número, Niraldo de Oliveira Santos, diretor da Seção São Paulo, nos apresenta os meandros por onde passaram a escolha deste tema para nossas Jornadas. Nos propõe a pensar quais possíveis relações podemos estabelecer entre o riso e o objeto a , tema de trabalho proposto pela diretoria que se inicia. E como, a partir do riso podemos verificar os conceitos fundamentais da clínica psicanalítica, incluindo aí o corpo em sua vertente de gozo.

Gustavo Oliveira Menezes, coordenador geral destas Jornadas, ao estabelecer uma conexão com as Jornadas anteriores, nos escreve da verdade ao riso, tomando como orientador o sinthoma na sua dimensão de real e qual uso o psicanalista pode fazer do riso para pensar essa dimensão na clínica. Não há um universal que possa dizer do riso, só a cada um cabe dizer sobre o que lhe afeta o corpo, mas não de tudo, há algo que escapa.

1 LACAN, J. “Televisão” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.525.

2 MILLER, J.-A. Les affects dans l’expérience analytique (1986). *La Cause du Désir*, v. 93, n. 2, p. 98-111, 2016.

O argumento das Jornadas elaborado por Rômulo Ferreira da Silva, coordenador da Comissão Científica, nos traz o fio condutor que servirá de balizas para nossas investigações, e o que dessas investigações poderemos estabelecer relações com os temas do próximo Congresso da AMP “Todo mundo é louco” e do ENAPOL “Começar a se analisar”. Contamos também com os eixos temáticos propostos pela Comissão Científica que são: 1) Só riso?!; 2) O riso e a política; 3) Manual do riso em uma análise ou Riso – ‘modos de uso’ na clínica.

Lançando a rubrica “Estão fazendo arte”, Élide Biasoli, uma das coordenadoras da Comissão do Boletim, nos convoca a pensar o riso em seus diversos aspectos e inclui a arte como forma de expressão do riso ao longo de sua história.

A Diretoria de Cartéis e Intercâmbio, sob a responsabilidade de Eduardo César Benedicto, convida nossa comunidade analítica a formar cartéis tomando como orientadores o tema como também os eixos das nossas Jornadas.

Por fim, convido a todos tomarmos o Boletim Gaio como uma das ferramentas para este percurso de investigação até o encontro dos corpos nos dias 27 e 28 de outubro!

APRESENTAÇÃO XII JORNADAS DA EBP- SP: R.I.S.o

Nivaldo de Oliveira Santos
Membro da EBP/AMP
Diretor Geral da EBP-SP

Por que a Escola Brasileira de Psicanálise, Seção São Paulo, realiza suas Jornadas anuais?

Uma jornada, no singular, é uma marcha ou um percurso que se faz em um dia; é uma viagem por terra, uma caminhada, uma andada; pode ser também uma empreitada militar, uma campanha, uma expedição. É derivada da palavra *viaticum*: do latim, *via*, “caminho”, “estrada”; sendo “viagem” e “jornada”, sinônimos¹. No sentido figurado, também designa uma transição de um fato ou conjunto de fatos que digam respeito a uma ou mais pessoas².

Portanto, nossas Jornadas, no plural - pois serão feitas em dois dias - visam a passagem de um ponto ao outro, não só no tempo, mas também na finalidade. Trata-se de um caminho que não pretendemos realizar sozinhos. Podemos dizer que esta viagem terá seu ápice nos dias 27 e 28 de outubro, mas começam desde já. A proposta é a de fazermos o percurso inteiro inserindo o corpo nesta expedição; por isso, resolvemos fazê-la exclusivamente presencial.

Para estas Jornadas que agora se iniciam, a Diretoria da EBP-SP escolheu Gustavo Oliveira Menezes para a Coordenação Geral; Rômulo Ferreira da Silva, para a Coordenação da Comissão de Orientação; e Gustavo Stiglitz, AME, membro da EOL e da AMP, como nosso convidado internacional. Juntamente com uma ampla Comissão Organizadora traçamos um roteiro inusitado, servindo-nos dos mapas elaborados por Freud e Lacan - que são constantemente atualizados pelo Campo Freudiano - para nos lançarmos no território do R.I.S.o e sua (re)percussão no tratamento psicanalítico e na nossa civilização.

Por que escolhemos este tema? Podemos iniciar dizendo que ele já estava no meio de nós. Vez por outra, nas reuniões da então Diretoria Adjunta e nos intervalos das atividades de psicanálise neste último ano, o tema do Witz e do riso voltava, e nos causava desejo de empreender um trabalho de investigação coletiva. Como o riso se articula ao objeto a , tema de trabalho proposto pela Diretoria da EBP-SP neste biênio? Lidar com os restos de nossas fantasias pode levar ao riso?

Frequentemente o riso e o cômico são associados ao divertimento e a algo de pouco sério. É o caso do riso imotivado das crianças; dos idiotas, que riem com frequência e de modo barulhento; e



Imagem: A escala do amor, Jean-Antoine Watteau, 1715.

1 www.etymonline.com/word/journey

2 Jornada | Michaelis On-line (uol.com.br)

dos deuses da mitologia, que gargalham da exuberância de suas ações. Este “pouco sério” do riso é suscetível de se tornar anti-sério, ou até mesmo, subversivo³. Diferentemente do sorriso, associado à estética do belo, do disciplinado e do comedido, o riso distorce a simetria facial e faz contorcer o corpo, leva-o à descompostura. Com seu efeito liberador, o riso pode ser uma via de transgressão do pacto de obediência do humano aos signos dos costumes na ordem social.

Por eclipsar nossa subjetividade, o riso, mesmo que apenas por um espaço de um instante, falseia o que Kant chamou de Compreensão. Essa peculiaridade dá má reputação ao riso, pois o coloca em uma vizinhança com a loucura⁴.

O riso e o sério são conciliáveis? É possível fazer do território do riso um lugar de verificação dos conceitos fundamentais para a clínica psicanalítica em nossa época? O que faz rir e vibrar o corpo em uma sessão de análise?

No Seminário 5, Lacan referiu que a questão do riso se achava longe de ser resolvida⁵. E que, mesmo o fato de dizer que este é próprio do homem, não é absolutamente certo. Para ele, o riso vai além tanto do espirituoso quanto do cômico. Diz-nos Lacan:

Existe a simples comunicação do riso, o riso do riso. Há o riso ligado ao fato de que não convém rir. O riso incontido das crianças em certas situações também merece reter a atenção. Há ainda um riso de angústia e até o da ameaça iminente, o riso nervoso da vítima que de repente se sente ameaçada por algo que ultrapassa até mesmo os limites de sua expectativa, o riso do desespero. E há até o riso do luto do qual se é bruscamente informado⁶.

Porém, Lacan nos adverte de que devemos ser prudentes e termos cautela neste campo, para não correremos o risco de resvalar para uma fenomenologia ou uma psicologia do riso. Ele nos convoca a irmos além do conjunto dos fenômenos do prazer.

Neste momento de seu ensino, Lacan situa o riso do lado do imaginário, quando se produzem quedas de tensão decorrentes da libertação da imagem⁷. No âmbito do imaginário, Lacan expõe a vertente dual do riso. No *Witz*, termo que ele preferiu manter em alemão, fica explícita a estrutura linguística, fazendo com que um ternário seja necessário: aquele que fala, o outro e a linguagem. Mas é no final de seu ensino que Lacan indica mais precisamente a marca do *Witz* para além do chiste. Como o riso pode tocar o corpo, liberando-o dos domínios da verdade? Será que aqui o riso seria esse lado do *Witz* capaz de tocar o corpo para além do sentido? Qual a vertente real do riso?

Para Gustavo Stiglitz, “há um efeito de afeto no corpo, tratável pelo significante, e um excedente/faltante que localizamos com os conceitos de objeto, letra, borda de semblante, umbigo, sinthoma”. E o *Witz*, continua Stiglitz, “reenlaça esse impossível de dizer, a fim de que algo do

3 Arkhipov, G. *Le spectre du rire et la clinique du sujet – Varias théoriques et psychopathologiques*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2021, p. 19.

4 Arkhipov, G. *Op. cit.*, p. 17.

5 Lacan, J. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. RJ: Jorge Zahar Ed., 1999, p.134.

6 Idem, p. 135.

7 Idem, p. 137.

excedente fique enodado para o ser falante”, destacando que, por ser fundado no equívoco, o *Witz* teria a propriedade de articular “o Um e o vazio onde se situa o faltante/excedente”⁸.

Estas são algumas vias pelas quais pretendemos caminhar nestas Jornadas. De todo modo, o que sabemos de partida é que nossa intenção é a de fazermos este percurso deixando de lado a tristeza e a covardia. Escolhemos a via do gaio saber! **Gaio**, o que revela alegria de modo jovial, foi o nome que escolhemos para o Boletim destas Jornadas. “Com seu gaio saber, Lacan nos lembra: nisso pode-se também rir”⁹.

Em nome da Diretoria da EBP-SP, agradeço desde já as Comissões Organizadoras destas Jornadas, ao tempo em que convido a todos para o trabalho de pesquisa, escrita e transmissão em torno do nosso tema.

8 Stiglitz, G. “Witz, o pior”. In: *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*. Publicación de la Escuela de la Orientación Lacaniana. Año XVI, número 29. Abril de 2021, p. 106.

9 Vieira, M.A. “O resto e o riso”. In: *Opção Lacaniana*, número 62; dezembro de 2011, p. 197.

ABERTURA

DA VERDADE AO RISO

Gustavo Oliveira Menezes
Membro da EBP/AMP
Coordenador Geral das XII Jornadas da EBP-SP

“Talvez a tarefa de quem ama os homens seja fazer rir da verdade, fazer rir a verdade, porque a única verdade é aprender a libertar-nos da paixão insana pela verdade”¹. Recorro a esta citação de Umberto Eco em *O nome da rosa* na tentativa de encontrar um ponto de conexão entre o que trabalhamos nas últimas jornadas sobre a verdade e o gozo, e aquilo que pretendemos explorar este ano com o tema do riso.

Assim como a verdade só pode ser semi-dita, o universal do riso não existe. Os sujeitos riem, mas não todos, e riem de diferentes modos². Em qualquer tentativa de cingir o riso, algo resta. Ao mesmo tempo, há uma distância entre dizer a verdade e rir desta. Tomando pela oposição que Miller nos ensinou a ler entre inconsciente transferencial e real, podemos nos perguntar: há o riso que se molda na ficção e o riso do Um sozinho?

No ensino de Lacan, quanto mais a verdade aparece como semblante e se abre a orientação do real, a experiência passa a ser conduzida em direção ao encontro do gozo não negativizável. Na perspectiva do impossível de dizer, o efeito de verdade é uma elucubração de saber sobre a lalíngua do corpo falante, e “o lugar do Outro deve ser buscado no corpo e não na linguagem”³ como superfície de inscrição. Nesta mesma via, o *sinthoma* de um *falasser* “é um acontecimento de corpo, uma emergência de gozo”⁴ que resiste ao sentido.

A clínica que tem como princípio “Todo mundo é louco” não anula a clínica estrutural, mas vai além e apaga as fronteiras, pois o *sinthoma* é fora da norma e das classificações. A forma neurótica de amarração dos três registros – Real, Simbólico, Imaginário – baseada na crença do Nome-do-Pai, torna-se apenas um regime particular do *sinthoma*. O nó borromeano, como uma escrita, muda o sentido a cada uso. O saber passa a ser da ordem do legível, é um ler de outro modo. Não tendo mais uma supremacia do Simbólico, deve-se tomar os três registros como equivalentes e enodados.



Imagem: Demócrito, Agostino Carracci, 1.598

1 Eco, U. *O nome da Rosa*. RJ: Record, 2011.

2 Arkhipov, G. *Le spectre du rire et la clinique du sujet – Varias théoriques et psychopathologiques*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2021, p.12.

3 Miller, J-A. *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan*. RJ: Zahar, 2011, p.183.

4 Miller, J-A. “O inconsciente e o corpo falante”. In: *Scilicet*. SP: EBP, 2016, p.26.

A verdade dá lugar ao nó⁵. O que toma a frente é o corpo, o corpo que se tem.

Diante do sintoma freudiano, a resposta de Lacan é seu *sinthoma* real: falar em deciframento nos remete à noção de “verdade do sintoma”, ao passo que seu uso lógico levaria ao real. Ao separar sintoma e verdade, Lacan dá lugar ao gozo. Seria o riso, para além do deciframento do sintoma, uma via para o real do gozo? O último ensino é um ir-além do Pai. Não existindo o Outro, o que mantém juntos o R.I.S.?

Miller afirma que “ao deslocar a interpretação do enquadre edipiano para o enquadre borromeano, é o próprio funcionamento da interpretação que muda e passa da escuta do sentido à leitura do fora de sentido”⁶. Se equívoco, mal-entendido, silêncio, tornam-se chaves para a interpretação, poderia o riso também fazer surgir um real fora do sentido? No final, um falasser não mais “atormentado pela verdade”⁷ encontraria no riso o limite de “uma satisfação que marca o fim da análise”⁸?

Em seu seminário sobre *O sinthoma*, Lacan se coloca ao lado de Joyce para dizer que ambos fizeram uma escolha herética. Ele convoca a palavra latina *haeresis* por sua homofonia a com pronúncia francesa dos termos R.S.I. Segundo Lacan, “é preciso escolher a via por onde tomar a verdade”⁹: a escolha de ser herético de uma boa maneira “é aquela que, por ter reconhecido a natureza do sinthoma, não se priva de usar isso logicamente, isto é, de usar isso até atingir seu real, até se fartar”¹⁰. A escolha é entre o sinthoma “ortodoxo”, “elevado ao semblante”, e entre “o sinthoma desnudado em sua estrutura e em seu real”¹¹. Nesse sentido, “a via herética do *sinthoma* abre menos a perspectiva de encontrar a verdade revelada como saber inconsciente recalçado e mais a do *saber-fazer* com o Real sem lei nem sentido”¹². A heresia lacaniana, o R.S.I., o R.I.S.o, é uma escolha pela singularidade do sinthoma.

“O riso é satânico, ele é, assim, profundamente humano. Ele é no homem a consequência da ideia de sua própria superioridade”¹³, nos diz Baudelaire. No século XIX, o riso era sinal da loucura dos homens, estes que se creem superiores a tudo, e tem sua origem no fim da inocência diante das nações corrompidas que inventam a comédia e “se colocam a rir diabolicamente”¹⁴.

Hoje em dia, o riso se generalizou e tomou diferentes formas. Não apenas a comédia saiu dos palcos para as telas dos smartphones, para os momentos cotidianos e por vezes para os debates políticos, como sofreu mutações até chegar aos memes que invadem os grupos de mensagem. Porém, o riso, mais “normatizado”, também se mantém na mira da censura e do cancelamento. Diante da crença n’A verdade, do relativismo absoluto que leva ao pior, talvez o

5 Miller, J-A. *El lugar y el lazo*. Buenos Aires: Paidós, 2020.

6 Miller, J-A. “Ler um sintoma”. In: *Opção Lacaniana*, nº70, 2015, p.20.

7 Miller, J-A. (2011) *Op.cit.*, p.226.

8 Lacan, J. “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”. In: *Outros escritos*. RJ: Zahar, 2003, p.568.

9 Lacan, J. [1975-76] *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. RJ: Zahar, 2007, p.16.

10 Idem.

11 Miller, J-A. “Nota passo a passo”. In: Lacan, J. (2007 [1975-76]) *Op.cit.*, p.208.

12 Fuentes, M. J. S. “Heresia”. In: *Scilicet: as psicoses ordinárias e as outras, sob transferência*. SP: EBP, 2018, p.205.

13 Baudelaire, C. *De l'essence du rire – et autres textes*. Paris: Gallimard, 2021, p.37.

14 Idem, p.38.

riso possa fazer tremer o caráter fictício deste sistema por vezes segregativo, vertical e racista. Se, frente à nova ordem simbólica, a psicanálise orientada sobre o real restitui que nem tudo é semblante, não poderia o psicanalista, nesta orientação, convocar o riso?

Agradeço à Diretoria da Seção São Paulo pela escolha do meu nome para coordenar essas XII Jornadas. Além disso, tenho a alegria de compartilhar o trabalho com Rômulo Ferreira da Silva, coordenador da comissão de orientação, e com nosso convidado Gustavo Stiglitz. Agradeço igualmente a todos que aceitaram o convite para comporem as comissões organizadoras.

Temos adiante um grande trabalho. Serão mais três preparatórias, cada uma sobre um dos eixos temáticos, além do lançamento mensal do boletim “Gaio” que contará com contribuições de nossos colegas do Campo freudiano e daqueles que circulam na Seção São Paulo. O evento ocorrerá exclusivamente em formato presencial no Hotel Meliá Paulista, local que já nos é familiar. Teremos uma programação especialmente pensada para esta aposta. Antecipo que as mesas simultâneas, as quais vêm ganhando vivacidade nas últimas Jornadas, terão um lugar de maior destaque este ano. Em breve vocês terão acesso às normas de envio de trabalho, bem como as informações para as inscrições. Enfatizo também o trabalho em cartel: a organização das Jornadas, juntamente com a Diretoria de Cartéis da Seção SP, incentiva a formação destes pequenos grupos em torno do tema. Os interessados podem escrever para o e-mail cartelebpsp@gmail.com.

Para encerrar, gostaria de chamar a atenção para a imagem do cartaz: Demócrito, conhecido como o filósofo que ri. Citado por diversos escritores que abordaram o riso, como Rabelais em “Pantagruel e Gargântua” e Erasmus de Rotterdam em “O elogio da loucura”, sua propensão a rir sem cessar de tudo e de viver isolado do mundo o fez ser considerado louco. Diz a lenda que Hipócrates, o médico, é convidado para avaliar o filósofo. Ao longo da conversa regrada por contínuos risos, Hipócrates fica encantado por ter conhecido alguém de tamanha sabedoria. No diálogo, Demócrito zomba da condição humana, do ridículo, da ganância e dos grandes vícios.

E você, ri do quê?

Que possamos escolher pelo R.I.S.o de uma boa maneira!

ARGUMENTO

Rômulo Ferreira da Silva
AME da EBP/AMP
Coordenador da Comissão de Orientação

Na festa de encerramento das XI Jornadas da EBP-SP *A Verdade e o gozo que não mente*, ocorrida em novembro de 2022, surgiu a proposta para as Jornadas de 2023.

O tema? O riso! De cara uma reação que contagiou o entorno da conversa com justificativas as mais diversas: a saída do período mais grave da pandemia do COVID, possibilitando o reencontro presencial na Seção São Paulo; o resultado da eleição presidencial que trouxe perspectivas de manutenção da democracia em nosso país; férias; festas de final de ano!

Os sorrisos escancarados nos rostos, *per si*, já fizeram rufar os tambores para a nova empreitada.

Uma chuva de ideias e de articulações com os temas anunciados para o próximo biênio de trabalho no Campo Freudiano inundou as mentes tocadas por vapores etílicos.

A partir daí, as referências foram se apresentando:

O riso proibido na Idade Média, bem transmitido pela obra de Umberto Eco, *O nome da rosa*¹, da qual podemos extrair os traços de dominação do discurso religioso pela interdição ao prazer e pelo culto do ódio ao diferente. Nessa época, em nome de Deus, foi possível chegar a requintes de crueldade dirigidos às “bruxas” que insistiam em manter o riso em suas vidas.

O Elogio da loucura, de Erasmo de Rotterdam², ocorreu pela articulação ao tema do próximo Congresso da AMP *Todo mundo é louco*³. Não apenas pelo viés da loucura, mas também pelo elogio ao riso, que nos embala e ensina sobre a aproximação da loucura ao feminino.

“O processo civilizador”, empreendido após a Idade Média e retratado na obra de Norbet Elias⁴, fornece um material hilário quando nos deparamos com as regras de boas maneiras prescritas à época, escancarando formas de vida hostis com pouco espaço para a fruição do prazer de rir.

Recuando um pouco mais no tempo, as Saturnais⁵, festas romanas que se assemelhavam ao que hoje conhecemos como carnaval, permitiam aos senhores e escravos se misturarem em



Imagem: *A Juventude de Baco*, William-Adolphe Bouguereau, 1884.

1 ECO, U. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2009.

2 ROTTERDAM, E. “O elogio da loucura”. In: *Os Pensadores*, vol. X. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1972.

3 XIV Congresso da AMP: “Todo mundo é louco”. Ocorrerá de 22 a 25 de fevereiro de 2024.

4 ELIAS, N. *O processo Civilizador I e II*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

5 CROUZET, M. *Histoire Générale des Civilisations. Vol. II - Rome et son Empire*. Paris: PUF, 1980, p.570.

uma comemoração do solstício de inverno finalizando o ano agrário, em um culto ao prazer e à alegria. Havia troca de presentes e os banquetes eram oferecidos ao povo. A data das Saturnais? 25 de dezembro! Tratava-se também de um momento de renovação, como o Natal. Porém, o nascimento de Cristo, que ocupou essa mesma data, não veio acompanhado da satisfação carnal da Roma antiga.

Se hoje desejamos um “Feliz Natal” aos nossos familiares e amigos, os votos não vêm sem o ranço das recomendações de uma vida regrada pelo culto à saúde, à família, a Deus e “muito dinheiro do bolso”. O riso, portanto, nessas circunstâncias, não deve se apresentar sem condições *a priori*. Ele deve aparecer desde que haja o encarceramento da libido regulada, mais uma vez, pelo poder religioso.

Com a descoberta do inconsciente por Freud, o *Witz* aparece como uma de suas formações privilegiadas. Não apenas por revelá-lo, mas também por evidenciar o ganho de prazer, pois o homem “é mesmo um incansável buscador do prazer”⁶. Desde Freud, há duas vertentes principais do riso: a do chiste e a do humor, do ridículo, do escárnio, da zombaria.

Para Freud, o chiste não é simplesmente uma piada que pretende gerar o riso, trata-se também de algo que escapa ao sujeito e o revela em uma estrutura linguística na relação com o outro. “Sua função consiste, desde logo, em suspender as inibições internas e fazer fecundas as fontes de prazer tornadas inacessíveis por tais inibições”⁷.

É em tal revelação que, ao tocar o outro, o riso advém em curto-circuito. “Assim estritamente falando, não sabemos do que estamos rindo”⁸. Daí podermos nos questionar sobre o lugar do riso no processo analítico.

Como *começar a se analisar*?⁹

Como localizar o riso nas entrevistas preliminares e nas entradas em análise? E o riso que se manifesta nos sonhos e desperta? O riso que se apresenta na associação livre é sempre um chiste?

Qual a diferença do riso no começo do percurso analítico e no final de uma análise?

Com Lacan, podemos avançar para além dos jogos linguísticos propostos por Freud e outros autores, como Henri Bergson¹⁰, que apontaram uma busca de alívio e harmonia alcançados pelo riso. Lacan prefere traduzir *Witz* por tirada espirituosa, que está entre o chiste e o espírito, dizendo que ela “é, vez ou outra, objeto de uma certa depreciação – que é leviandade, falta de seriedade, extravagância, capricho”¹¹. Não é por essa via que conduz seu trabalho sobre o *Witz*.

6 FREUD, S. (1905) “Os chistes e sua relação com o inconsciente”. In: *ESBOPC*, vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p.149.

7 Ibidem, p. 153.

8 Ibidem, p.122.

9 *Começar a se analisar*. Tema do XI ENAPOL que ocorrerá em setembro/outubro de 2023 em Buenos Aires. <https://enapol.com/xi/pt/home/>

10 BERGSON, H. *Riso: Ensaio sobre o significado do riso*. São Paulo: Edipro, 2018.

11 LACAN, J. *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.22.

Sem compromisso com o alívio ou a harmonia, Lacan nos introduz o objeto *a* como elemento fundamental para pensarmos o fenômeno do riso, suas incidências na clínica e orientações para a condução do tratamento no caso a caso.

O riso como objeto é um resto de operação do cômico. O absurdo que se desvela ganha vida nas bocas que se adulteram e ganham um traçado chamado riso. Podemos dizer que o riso é efeito da caída do semblante que deixa escapar algo do real que atinge o corpo? Trata-se de um fenômeno de corpo?

Lacan distingue o chiste do belo, dizendo nessa via que a primeira coisa a ser feita seria “extinguir a noção do belo. Não temos nada a dizer sobre o belo. É de uma outra ressonância que se trata, a ser fundada sobre o chiste. Um chiste não é belo. Ele se ocupa de um equívoco”¹². Em relação ao bem-dizer, ele associa à sua ética o gaio saber como uma virtude, em oposição à tristeza¹³.

Seguindo a filosofia de Espinosa, que é “uma ética da alegria, da felicidade, do contentamento intelectual e da liberdade individual e política”¹⁴, alegria é o afeto que aumenta a nossa potência de agir. E podemos também dizer que o riso aí se junta.

Em tempos de prevalência do real, o gaio saber não morde o sentido e não está ligado à satisfação de seu deciframento, mas apenas de “roçá-lo”¹⁵.

Ao lado do chiste, não coincidindo com este, encontramos a ironia. Tomando a clássica tripartição: Tática, Estratégia e Política em uma análise, a ironia pode ficar rapidamente identificada à tática, a um modo de interpretação. Porém, a ironia esquizofrênica se relaciona com a inexistência do Outro, a partir do que *todo mundo é louco*. Para persistir na perspectiva da clínica universal do delírio, é preciso alcançar a ironia infernal do esquizofrênico que incide na raiz de toda relação social¹⁶. Assim, é preciso distinguir ironia e humor.

O riso articula-se ao laço social; ao resto, como real que não cessa de não se escrever e é mol-dura para a fantasia na neurose; e ao furo, angústia frente ao real sem lei.

E o que nos faz rir? No *Seminário, livro 7: A Ética da psicanálise*¹⁷, Lacan diz que “o que nos satisfaz na comédia, nos faz rir, nos faz apreciá-la em sua dimensão humana, não excetuando o inconsciente, não é tanto o triunfo da vida quanto sua escapada, o fato de a vida escorregar, furtar-se, fugir, escapar a tudo o que lhe é oposto como barreira, e precisamente as mais essenciais, as que são constituídas pela instância do significante”.

Há outras versões do riso a explorar: o riso ligado ao medo, ao horror, o lado macabro do riso, o riso contido e involuntário dos atores em uma peça de teatro, o morrer de rir, o chorar de rir, o riso da clínica com crianças, que é alívio ou mesmo conclusão de um ponto de enrosco. O riso

12 LACAN, L. “Rumo a um significante novo”. In: *Opção Lacaniana*, n°22, agosto/1998, p.11.

13 LACAN, J. “Televisão”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.525.

14 CHAUI, M. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.67.

15 LACAN, L. “Televisão”. *Op. cit.*, p.525.

16 MILLER, J-A. *Clínica Irônica*. In Matemias I. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 1996. P.190.

17 LACAN, L. *O Seminário, livro 7: A Ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p.376.

também ocupa um lugar de opressor na história, o lugar do rancor, da inveja, da malevolência na vida dos homens e em seu *habitat político*: é o riso da alegria de ver a desgraça alheia. O riso nem sempre pertence ao campo do humor, ele pode ser o riso da blasfêmia que articula o gozo ao sagrado.

Com seu *R.I.S.*, Lacan aponta para uma solução da análise bem intrigante, que nos interessa avançar. Não se trata simplesmente dos três registros articulados em três letras, mas de uma ressonância joyceana do riso, um real disjunto dos semblantes passíveis de serem compartilhados.

Um tratamento analítico conduz à passagem da tragédia à comédia? Como não dar risadas ao retomar a história tão sofrida? Depois que tudo se desfez em um blá-blá-blá sem sentido, de voltas e voltas ao redor de um tal objeto, vale um sorriso de satisfação?

Como não explorarmos os diversos testemunhos de AEs que mencionaram o riso em seus finais de análise, demonstrando a restauração da ironia na neurose como efeito do tratamento analítico?

O riso é uma chave política, tanto da sociedade como da clínica de orientação lacaniana. Quer apostar?!

EIXOS TEMÁTICOS

EIXO I

SÓ RISO?!

Em Freud¹, há uma diferença entre o cômico, que se contenta com duas pessoas, e o chiste, em que a terceira pessoa é indispensável. Lacan ressalta o efeito de surpresa onde algo escapa ao sentido provocando o riso. Diferente do cômico que é dual, onde o riso se dá no eixo a-a', o *Witz* inclui o Outro, enquanto "fiador da linguagem"². Por ser um dizer espirituoso, o *Witz* provoca o riso, fonte de satisfação, de gozo. Trata-se do "inconsciente em sua mais pura essência"³. Em seu acontecer fortuito, constata-se que no instante seguinte o furo é tampado e já "não há mais nada a encontrar"⁴. Onde podemos localizar o riso em uma análise? Qual sua função? Onde o riso interessa mais, ao lado do cômico ou do chiste? Lacan equivale o ângulo do humor ao reconhecimento do cômico⁵, e este, ao objeto velado. Refere-se à excomunhão da qual foi alvo, apontando a dimensão cômica de se ver no lugar de negociado. Aí surge o objeto, velado por natureza: o cômico puro. O valor de troca revela o cômico puro e o objeto. Na comédia dos sexos, o falo faz com que, ao se levantar o véu, aquilo que se vê seja irrisório. Há algo de cômico neste desmascaramento. Para Lacan, o falo "irrealiza"⁶ a relação entre os sexos, levando à comédia das estratégias psíquicas imaginárias para fazer a relação sexual existir. Não seria justamente por isso que este tema é representado tão amiúde na comédia?



Imagem: A Leitora, Jean-Honoré Fragonard, 1772

EIXO II

O RISO E A POLÍTICA

O riso, como objeto, é um resto de operação do cômico. O que temos no cômico? Os equívocos, os erros, os enganos e os fracassos. A comédia é o universo dos vícios dos homens, suas paixões, seus objetos de gozo, seus desejos. Seriam todas as aspirações humanas risíveis? Estaria a ironia fadada à impotência nestes tempos de identificações tão consistentes? Em um mundo de cancelamentos, *trollagens* e *fake News*, qual posição ocuparia a psicanálise: irônica ou ironizada? Como ela poderia fazer obstáculo a essa série? Lacan, em "O Aturdido", sugere que a

1 Freud, S. *O chiste e sua relação com o inconsciente*. SP: Companhia das Letras, 2017, p.257.

2 Lacan, J. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. RJ: Zahar, 1999, p.125.

3 Lacan, J. "Da psicanálise em suas relações com a realidade". In: *Outros escritos*. RJ: Zahar, 2003, p.355.

4 Idem, p.356.

5 Lacan, J. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. RJ: Zahar, 1979, p.12.

6 Lacan, J. "A significação do falo". In: *Escritos*. RJ: Jorge Zahar, 1998.

aposta na “ordem cômica” opere esse limite pela redução do sentido e extração do gozo. O riso também ocupa o lugar do rancor, da inveja e da malevolência na vida dos homens e em seu habitat político. É o riso da *Schadenfreude*, a alegria de ver a desgraça alheia. É o escárnio, onipresente em nossos debates políticos, que se utiliza da ilusão da Universal e transforma a Particular, a exceção, em um pária, um ser abjeto e ultrajante. Seria o deboche um riso que anula os corpos e comportamentos que não fazem parte do apetite das majorias ou uma potente arma frente à truculência do discurso do mestre? No mundo dos tribunais virtuais, será que teremos leitores capazes de diferenciar uma risada provocada por um Supereu facínora de uma risada irônica?

EIXO III

MANUAL DO RISO EM UMA ANÁLISE

OU

RISO – ‘MODOS DE USO’ NA CLÍNICA

Como o riso irrompe na clínica psicanalítica? Quais os seus modos de *uso*? Como a subversão cômica aponta para o incontrollável no falasser, ou seja, seus modos de gozo? E quanto à resistência exercida pelo supereu sobre qualquer barreira imposta ao gozo? O real está no encaixe do falante, o sem-sentido prepondera, alijando a palavra e o sentido das possibilidades de tratamento do mal-estar. Diante do real sem lei e da constatação da inexistência da relação sexual, aposta-se na *clínica irônica*⁷, no chiste, no *Witz*, no riso e no humor, tanto na entrada em análise como em seu percurso e no final, sem, contudo, prescindir da crença nos semblantes⁸. Se, no início da análise, há a história e a tragédia, no final forja-se a *histoeria*, a comédia da história, o riso e a satisfação. Assim, na entrada em análise, como não rir, ou fazer rir através do gesto e do equívoco, nas contorções transferenciais? Durante a análise, caberia o riso ou a ironia na construção da fantasia? E no final, como não rir do *sinthoma*? Enfim, como não apreciar – por exemplo, na equivocação entre sueco/su-eco⁹ – a irrupção do riso nos testemunhos dos AE ao evocarem suas próprias comédias?

7 Miller, J.-A. “Clínica irônica”. In: *Matemas I*. RJ: Zahar, 1996, p.190.

8 Brousse, M.-H. “O objeto de arte na época do fim do belo: do objeto ao abjeto”. In: *Opção Laciana Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. SP: Eolia, número 52, p.177.

9 Ventura, O. “Cuando el sueño despierta Un cuerpo”. In *Papers*, nº6. Disponível em: https://congresoamp2020.com/en/el-tema/papers/papers_006.pdf.

ESTÃO FAZENDO ARTE

Élida Biasoli

Associada ao Clin-a

Coordenadora da comissão de boletim das XII Jornadas EBP-SP

O tema dessas jornadas nos convida a pensar o riso por diversos aspectos, assim sendo, não poderíamos deixar de fora a arte e sua história. A trajetória cultural e artística dos seres humanos se traduz em manifestações que se misturam à própria história da humanidade, construindo um poderoso canal de expressão de sentimentos, emoções e também de diálogo. Para começar a pesquisa nas artes, pego o gancho do cartaz das jornadas que é o quadro *Demócrito*, de Antoine Coypel. Demócrito foi um filósofo grego que recebeu a alcunha de “o filósofo que ri”. Essa fama vem de anedotas segundo as quais Demócrito ria e gargalhava de tudo e dizia que o riso torna sábio. Um dado impressionante sobre ele é a quantidade de anos que ele viveu: 90 anos! Imaginem vocês um homem que viveu de 460 a.C. a 370 a.C. durar tudo isso. Só rindo muito mesmo!



Imagem: *Bacchus*, Jan van Dalen, 1648

Antoine Coypel é um artista francês e exemplo do movimento Rococó no século XVIII. “A arte rococó refletia os valores de uma sociedade fútil que buscava nas obras de arte algo que lhe desse prazer e a levasse a esquecer de seus problemas reais. Os temas utilizados eram cenas eróticas ou galantes da vida cortesã e da mitologia, pastorais, alusões ao teatro da época, motivos religiosos e farta estilização naturalista do mundo vegetal em ornatos nas molduras.”¹ Suas características principais são as linhas curvas, as cores suaves, os retratos de festas, em que os pintores representaram os *costumes e as atitudes de uma sociedade em busca da felicidade, da alegria de viver e dos prazeres sensuais*.

Como podemos notar, o tema apresentado pelo rococó guarda uma relação estreita com nosso tema de trabalho. O nascimento dessa discussão artística vem como fruto de uma pressão contrária gerada por uma rigidez de um sistema acadêmico². Estamos aqui diante do clássico pêndulo Apolo - Dionísio, em que se em um determinado momento da história a cultura e a arte tendem para as questões da racionalidade, do celibato e da lógica, as questões ditas apolíneas, a tendência do movimento artístico seguinte se baseará na emoção, no êxtase sexual, na irracionalidade e no instinto, as ditas questões dionisíacas.

1 IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. Rococó. In: História das Artes, 2023. Disponível em: <<https://www.historia-dasartes.com/nomundo/arte-barroca/rococo/>>

2 JANSON, H.W.; JANSON, Anthony F. « Rococó ». In: Iniciação a história da arte. SP: Editora Martins Fontes, 1996, p. 283.

Atenho-me aqui ao *pêndulo*. A história (e a psicanálise também) nos mostra não funcionar permanecer apenas no lado apolíneo, bem como não o é no lado dionisíaco. A problemática reside então na complicada inter-relação que é preciso inventar entre os dois. Dizendo de outro modo, o que não funciona é a separação entre o *corpo* e a *palavra*. Em *Lacan Web Télévision*, Marie-Hélène Brousse³ diz que o que efetua a subjetividade da época é o corte entre *corps* (corpo) e *parlant* (fala), fazendo referência ao termo *le corps parlant*. Ela afirma, então, estarmos atualmente diante de um movimento que separa o corpo e a palavra, indo na direção contrária da perspectiva psicanalítica que visa mantê-los ligados. Por exemplo, uma pessoa que quer se operar para tornar-se do sexo que lhe convenha, se define apenas por sua corporalidade biológica. Mas a experiência psicanalítica mostra que esse corte não funciona e jamais funcionará, mesmo se fazendo operar de todas as maneiras. Para concluir, vale ressaltar que o exemplo trans é apenas um, não é o único. Tal separação pode se dar em qualquer *fallasser*, pois o que é central na questão é a rejeição de um corpo pulsional que não coincide com o ego.

3 BROUSSE, Marie-Hélène. « Les modes du sexe », 2021. Disponível em: Les modes du sexe // Marie-Hélène Brousse - YouTube

CARTÉIS

*Eduardo César Benedicto
Membro da EBP/AMP
Diretor de cartéis e intercâmbios da EBP-SP 2023/2025*

O cartel é uma célula fundamental da Escola que demonstra, em ato, o trabaleisho que desenvolvemos com outros colegas, preservando e destacando o produto próprio de cada um. Neste sentido, o dispositivo de cartel é onde investigamos, discutimos e produzimos textos e reflexões, dentro de um pequeno grupo, privilegiando a transferência de trabalho na EBP, para extrairmos a produção mais singular dos que orbitam ao redor da comunidade de orientação lacaniana. Assim, é um lugar de suma importância para as produções que podem ser endereçadas às próximas Jornadas da EBP-SP.

Para estas XII Jornadas da EBP-SP, sobre o R.I.S.o, esta diretoria incentiva a formação destes pequenos grupos em torno do tema proposto, bem como ao redor dos eixos temáticos, para uma discussão e um trabalho pontual, visando à Jornada, que pode se manter depois, a depender do interesse dos cartelizantes.

Assim, os interessados em formar cartéis fulgurantes podem entrar em contato enviando nome, e-mail e tema (ou eixo de interesse) para: cartelebbsp@gmail.com e a Comissão de Cartéis constituída facilitará a formação destes grupos de trabalho, dentro da direção, lógica e funcionamento do dispositivo do cartel.



Imagem: A carta de amor, Jean-Honoré Fragonard, 1770.

COMISSÕES ORGANIZADORAS

DIRETORIA DA EBP – SEÇÃO SÃO PAULO

- Niraldo de Oliveira Santos
- Cristiana Chacon Gallo
- Camila Popadiuk
- Eduardo César Benedicto

COORDENAÇÃO GERAL DAS XII JORNADAS

- Gustavo Oliveira Menezes

ORIENTAÇÃO

- Rômulo Ferreira da Silva (coordenador)
- Daniela de Camargo Barros Affonso
- Fernando Del Guerra Prota
- Maria Cecília Galletti Ferretti
- Maria do Carmo Dias Batista
- Sandra Arruda Grostein
- Veridiana Marucio

CARTEL DO EIXO 1

- Maria Cecília Galletti Ferretti (+1)
- Camila Colás
- Carmen Silvia Cervelatti
- Daniela de Camargo Barros Affonso
- Jovita Carneiro de Lima

CARTEL DO EIXO 2

- Sandra Arruda Grostein (+1)
- Eliane Costa Dias
- Emanuelle Garmes Pires
- Fernando Del Guerra Prota
- Magno Azevedo

CARTEL DO EIXO 3

- Maria do Carmo Dias Batista (+1)
- Mirmila Alves Musse
- Tatiana Vidotti
- Teresinha Natal Meirelles do Prado
- Veridiana Marucio



Imagem: Peregrinação à ilha de Cythera, Antoine Watteau, 1717.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Jovita Carneiro de Lima (coordenação)
- Rosângela Carboni Castro Turim (coordenação)
- Carlos Ferraz Batista
- Cássia M. R. Guardado
- José Wilson Ramos Braga Junior
- Marco Aurélio Monteiro Peluso
- M. Bernadette S. de S. Pitteri
- Marisa Nubile

BOLETIM

- Maria Célia Reinaldo Kato (coordenação)
- Élide Biasoli (coordenação)
- Cláudia Reis
- Diva Rubim Parentoni
- Flávia M. Seidinger Leibovitz
- Luciana Ernanny Legey
- Mariana Galletti Ferretti
- Mônica Bueno de Camargo

SECRETARIA E TESOUREIRA

- Francisco Durante (coordenação)
- Maria de Lourdes Mattos (coordenação)
- Aparecida Santa Clara Berlitz
- Fernanda Maia Arruda Gomes
- Francisco Júnior Lemes
- Gabriela Ponte
- Luísa Fromer
- Paula Maia

INFRAESTRUTURA

- Camila Colás (coordenação)
- Paula C. V. Caio de Carvalho (coordenação)
- Andressa Contó Luz
- Felipe Bier
- Fabrício Donizete da Costa
- Helena Testi
- João Paulo Desconci
- Márcia Barbeito
- Natália Martinelli Cassim
- Rubens Berlitz

DIVULGAÇÃO

- Débora Garcia (coordenação)
- Fernanda Carvalho (coordenação)
- Fernanda Pougy

- Ludmila Mourão
- Mariana Junqueira
- Tatiana Vidotti
- Vagner Arakawa

LIVRARIA

- Eduardo Vallejos (coordenação)
- Eliana Machado Figueiredo (coordenação)
- Cláudio Ivan Bezerra
- Emelice Prado Bagnola
- Paula Catunda
- Perpétua Medrado Gonçalves
- Priscila Tavares Viviani
- Rosangela A. dos Santos
- Siglia Cruz de Sá Leão
- Silvana de Oliveira

ACOLHIMENTO

- Maria Veridiana S. Paes de Barros (coordenação)
- Mirmila Musse (coordenação)
- Ana Maria de Almeida Guerra
- Cláudio Ivan Bezerra
- Cynthia Gonçalves Gindro
- Lilian Beiguelman
- Priscila Tavares Viviani

ARTE E CULTURA

- Flávia dos Santos Corpas (coordenação)
- Patrícia Ferranti Bichara (coordenação)
- Elisângela Miras
- Fabiola Ramon
- Janaína Costa Veríssimo
- James Alberto de Moura
- Marcella Pereira de Oliveira
- Márcia Eliane Rosa
- Magno Azevedo

CONSULTORA DE ARTE E CULTURA:

- Thereza Salazar

RSRSRS



Imagem: Instagram @tutehumor